



**PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review**

**e-ISSN:** 2316-932X

**DOI:** 10.5585/podium.v2i1.40

**Organização:** Comitê Científico Interinstitucional

**Editor Científico:** João Manuel Casquinha Malaia dos Santos

**Avaliação:** Double Blind Review pelo SEER/OJS

**Revisão:** Gramatical, normativa e de formatação

## **O OLIMPISMO: AS BASES DE UM PENSAMENTO UNIVERSAL**

## **THE OLYMPISM: THE BASIS OF A UNIVERSAL THOUGHT**

## **EL OLIMPISMO: LA BASE DE UN PENSAMENTO UNIVERSAL**

**Gabriel Cardoso**

Mestre em Estudos Olímpicos pela International Olympic Academy – IOA, Atenas

E-mail: [gabriel\\_cardoso@msn.com](mailto:gabriel_cardoso@msn.com) (Portugal)



## O OLIMPISMO: AS BASES DE UM PENSAMENTO UNIVERSAL

### RESUMO

O objetivo deste trabalho é problematizar e historicizar as bases do Olimpismo dentro das premissas da Academia Olímpica Internacional (AOI). O Olimpismo é um movimento que procura difundir os ideais olímpicos através da combinação do desporto com a cultura, a arte e a educação. Com o passar dos anos, críticas foram feitas ao Olimpismo como a involvência política nos Jogos Olímpicos, a exacerbação do nacionalismo, a comercialização acelerada, a discriminação racial e de género na arena Olímpica e os escândalos de corrupção dos membros do Comitê Olímpico Internacional. Apesar de todas as controvérsias, o Olimpismo é uma filosofia com inserção na sociedade contemporânea. O entendimento de tais valores e o impacto deles na sociedade são fundamentais para uma melhor gestão dos esportes olímpicos.

**Palavras-chave:** Olimpismo; Academia Olímpica Internacional; Jogos Olímpicos; Filosofia; Gestão de Esportes Olímpicos.

## THE OLYMPISM: THE BASIS OF A UNIVERSAL THOUGHT

### ABSTRACT

The objective of this work is to problematize and historicize the Olympism's foundations within the premises of the International Olympic Academy (IOA). Olympism is a movement that seeks to spread the Olympic ideals by combining sport with culture, art and education. Over the years, criticisms have been made to Olympism as the increase of political issues in the Olympic Games, the exacerbation of nationalism, accelerated marketing, racial and gender discrimination in the Olympic arena and the corruption scandals of the International Olympic Committee members. Despite all the controversies, Olympism is a philosophy with insertion in contemporary society. The understanding of these values and their impact on society are key to better management of Olympic sports.

**Keywords:** Olympism; International Olympic Academy; Olympic Games; Philosophy; Olympic Sports Management.



## EL OLIMPISMO: LA BASE DE UN PENSAMIENTO UNIVERSAL

### RESUMEN

El objetivo de este trabajo es problematizar y historiar los principios del Olimpismo dentro de los ideales de la Academia Olímpica Internacional (AOI). El Olimpismo es un movimiento que busca difundir los ideales olímpicos, combinando el deporte con la cultura, el arte y la educación. Con los años, las críticas se han hecho para el Olimpismo como el aumento de los problemas políticos en los Juegos Olímpicos, la exacerbación de los nacionalismos, la comercialización acelerada, la discriminación racial y de género en el estadio olímpico y los escándalos de corrupción de los miembros del Comité Olímpico Internacional. A pesar de todas las controversias, el Olimpismo es una filosofía con inserción en la sociedad contemporánea. La comprensión de estos valores y su impacto en la sociedad es clave para mejorar la gestión de los deportes olímpicos.

**Palabras-clave:** Olimpismo; Academia Olímpica Internacional; Juegos Olímpicos; Filosofía; Gestión de Deportes Olímpicos.



## 1 INTRODUÇÃO

Em 1984, o Comitê Olímpico Internacional (COI) foi fundado em Paris com uma iniciativa de Pierre de Coubertin. Além da realização dos Jogos Olímpicos, a sua tarefa até hoje é promover o Movimento Olímpico (MO), em particular o seu ideal associado, o Olimpismo (sítio: [decoubertin.info](http://decoubertin.info)). Os Jogos Olímpicos e o MO diferem de outros eventos desportivos e organizações desportivas porque estão oficialmente ligados a uma ideologia que de acordo com Loland é “... um conjunto sistemático de crenças e argumentos usados para justificar uma ordem social existente ou desejada.” (Loland, 1995).

O MO é uma organização mundial colectiva que promove o Olimpismo e fomenta o desenvolvimento dos jovens, física e moralmente, construindo amizade e entendimento internacional para um mundo melhor e mais pacífico. De acordo com Segrave e Chu, o Olimpismo para Coubertin visava o desenvolvimento harmonioso dos aspectos físicos, morais e intelectuais do ser humano através da competição desportiva (Chatziefstathiou, 2005).

Segundo o sítio da Academia Olímpica Internacional (AOI) ([www.decoubertin.info](http://www.decoubertin.info)) o Olimpismo é uma filosofia de vida, que mistura o desporto e a cultura com a arte e educação, visando combinar num todo equilibrado as qualidades humanas do corpo, espírito e mente. É uma forma de vida baseada no respeito pela dignidade humana e por princípios éticos universais fundamentais, no prazer pelo esforço e participação, no papel educacional do bom exemplo, uma forma de vida baseada no entendimento mútuo. Uma característica importante do Olimpismo é que atribui um efeito significativo ao desporto. A união do corpo e da alma, da competição justa, da internacionalização dos homens do desporto, do ênfase nos valores humanos e no ideal de paz, estão incorporados na Carta Olímpica.

Segundo Pires, o Olimpismo é uma filosofia de vida assente em cinco pilares, que são o desporto, a educação, a cultura, o ambiente e o desenvolvimento humano ao serviço da paz (Pires, 2012). Parry (2006) defende que esta filosofia não só tem interesse nos atletas de elite mas em toda a gente; não só por um período de vida, mas toda a vida; não só na competição e na vitória, mas também nos valores de participação e cooperação; não só no desporto como uma actividade, mas também como uma influência formativa e desenvolvimental, que contribui para as características de personalidade individuais e da vida social desejáveis.



De acordo com Parry (2003) os princípios do Olimpismo, para serem universais, não devem mudar com o tempo, mas constantemente vemos mudança de regras que reflectem mudanças sociais. O mesmo autor questiona como se pode resolver este paradoxo, e argumenta que há efectivamente mudanças entre os Jogos Olímpicos da antiguidade e os modernos, bem como entre as ideias de Coubertin no renascimento dos Jogos e as de hoje em dia. Os Jogos modernos foram criados por um conjunto de ideias do século dezanove que impuseram uma ideologia moderna aos valores da antiguidade de modo a afectar positivamente a prática social contemporânea. Estas diferenças são inevitáveis no tempo e no espaço.

Sendo a mudança no tempo inevitável, várias críticas em torno dos Jogos Olímpicos foram surgindo no último século. Mais especificamente, as maiores críticas ao Olimpismo foram o aumento dos nacionalismos, a involvência política com o aparecimento de boicotes sucessivos, a comercialização acelerada, a profissionalização dos atletas, a discriminação racial, de género e ética na arena Olímpica, o carácter Oeste e Eurocentrico do movimento Olímpico, e os escândalos de corrupção dos membros do COI (Chatziefstathiou, 2005). Não é o objectivo deste trabalho analisar estes fenómenos tantas vezes discutidos, mas sim realçar alguns aspectos positivos deste movimento. Contudo, nada é perfeito e o Olimpismo não é excepção.

De um modo mais geral foi dito que: os seus princípios fundamentais (do Olimpismo) providenciam pouca força orientadora de acção; as suas inconsistências e contradições reduzem o seu valor a um sistema de ideias; o Olimpismo é uma ideologia falsa e manipulativa de um movimento cuja linha orientadora é a procura de poder, prestígio e lucro; os valores de respeito e amizade parecem pouco importantes na procura consumidora da vitória; desde o início que os Jogos foram uma arena para disputas políticas e nacionalistas e assim, as suas funções promotoras de paz podem ser questionadas.

Mesmo que estas críticas tenham um fundamento, elas não providenciam um entendimento profundo da aparente fascinação global do MO e os seus Jogos (Loland, 1995). Hsu por outro lado, não vê mudanças dramáticas no Olimpismo, além do estatuto de amador e da participação das mulheres (referidos posteriormente). Ele defende que embora nas décadas recentes tenha havido muitas interpretações e noções, elas são maioritariamente baseadas nos pensamentos de Coubertin (Hsu, 2000).



Contudo, apesar de todas as controvérsias, o Olimpismo é uma filosofia bem presente nos nossos dias, com impactos na sociedade que nenhum outro movimento propicia. O que eu me proponho a fazer neste trabalho, é uma referência a alguns factores que tornam este movimento positivo para a humanidade.

## **2 AMADORISMO/PROFISSIONALISMO**

Uma das mais debatidas críticas ao Olimpismo é o amadorismo que era central à pedagogia do desporto de Coubertin. O debate à volta do amadorismo por parte de vários contribuintes da Academia Olímpica Internacional, mostra que os valores do Olimpismo que são vistos como fundamentais em certos tempos, estão sujeitos a alterações quando os contextos políticos, económicos e culturais mudam (Chatziefstathiou, 2005).

Este debate tem sido acerca do dinheiro. A assunção básica nesta interpretação monetária é que o dinheiro destrói o desinteresse que, segundo Coubertin, era um princípio fundamental e que o atleta que recebe dinheiro pela performance desportiva está a fazê-lo apenas por dinheiro. Esta assunção não é razoável porque quando uma pessoa é paga por um serviço não quer dizer que o tenha feito por dinheiro (Paddick, 1994). O lema Olímpico “*citius-altius-fortius*” também vai contra a noção de amadorismo, já que quando se quer ser mais rápido, ir mais longe (ou alto) e ser mais forte, o desinteresse associado ao desporto não parece ajudar.

Esta discussão demorou quase 100 anos até que, finalmente, em 1984 o COI decidiu autorizar que atletas profissionais participassem nos Jogos. O que é certo é que hoje em dia, os atletas tornaram-se super estrelas com uma capacidade de influenciar jovens para lutar pela excelência, tal como defende o Olimpismo. Além disso, a maior parte dos espectadores, quer ver um recorde mundial ser batido, quer ver um Usain Bolt ou um Michael Phelps a ganhar, porque sabem que são momentos que ficam para história.

O desporto de alto nível evoluiu tanto que para ser competitivo no mais alto nível, um atleta deve treinar intensamente todos os dias. Para isso, é necessário haver atletas profissionais, dedicando a sua vida a serem excelentes no que fazem. Valores como o desinteresse, em parte o fair play, se calhar perderam ênfase com a profissionalização, mas a busca da excelência e o espírito de



sacrifício a esta associado estão bem presentes nos nossos dias. Fazendo uma analogia à Grécia Antiga, os grandes atletas de hoje também se tornaram muito próximos de deuses e sem dúvida que a profissionalização ajudou.

### 3 UNIVERSALISMO

O excerto de Parry (2006) que se segue ilucida-nos exactamente dos benefícios do internacionalismo, universalismo do Olimpismo:

Não apenas o desporto mas o próprio Olimpismo procura ser universal nos seus valores [...], um conjunto de valores bastante específicos, que primeiramente são um conjunto de princípios gerais universais, mas que também requerem diferentes interpretações em diferentes culturas – estabelecidos em termos gerais enquanto interpretados em particular. Esta procura por uma representação universal ao nível político e interpessoal da nossa humanidade comum, parece-me a essência do optimismo e esperança do Olimpismo e de outras formas de humanismo e internacionalismo. [...] Eu acredito que o desporto tenha feito uma enorme contribuição na sociedade moderna nos últimos 100 anos aproximadamente, e que a filosofia do Olimpismo tenha sido a sistematização mais coerente dos valores éticos e políticos subjacentes à prática do desporto emergente até aos dias de hoje. [...] o nosso compromisso para o desenvolvimento de formas globais de expressão cultural como o desporto, e para o entendimento universal através de ideologias como o Olimpismo é uma forma de nós como indivíduos podermos expressar os nossos compromissos, ideais e esperanças para o futuro do mundo.” (Parry, 2006, p. 197).

Uma das formas de promover e expandir o Olimpismo é através da Educação Olímpica. O MO desenvolveu uma rede global onde os valores do Olimpismo são disseminados, não apenas através dos Jogos Olímpicos, mas também pela organização de programas de educação Olímpica, incluindo a AOI e as Academias Olímpicas Nacionais (AON's).

As dimensões morais e culturais do Olimpismo são centradas na prática do desporto mas também têm implicações sobre o dia a dia (Chatziefstathiou, 2005). Na minha opinião a Educação Olímpica é um dos métodos mais convenientes para expandir valores para as novas gerações. O desporto Olímpico parece ser uma área de oportunidades pedagógicas especiais. Quem vir seriamente os objectivos deste fica totalmente convencido que é uma oportunidade para evolução e para o desenvolvimento pessoal além das realizações desportivas.

O Olimpismo continua a ser um conceito educacional. Embora os Jogos Olímpicos e as suas performances desportivas sejam a sua mais fina forma de expressão, os mesmos princípios aplicam-



se a todos os níveis de perícia, em todas as idades. Esta é também a definição de Coubertin. Os atletas de topo são os embaixadores do princípio mas este princípio foi desenvolvido para promover educação Olímpica e desportiva para todos, é uma ideia humanística de auto-realização (Grupe, 1997).

De acordo com o sítio da AOI, esta actua como coordenadora das Academias Olímpicas Nacionais, que são os seus ramos, e funcionam como transmissores e amplificadores das ideias da Academia através de programas nacionais de Educação Olímpica, os quais devem incentivar os jovens a estudar línguas e culturas estrangeiras, dar informação sobre assuntos ambientais e de paz, e também questões económicas, de saúde e educativas. Neste momento existem 144 Academias Olímpicas Nacionais espalhadas pelo mundo com estas responsabilidades, que há sua maneira e de acordo com a sua cultura, continuam a difundir o Olimpismo e a fazer deste mundo um mundo melhor.

#### **4 O OLIMPISMO E A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES**

Ao contrário do amadorismo que foi caindo em desuso, a participação das mulheres nos Jogos continua a crescer até aos nossos dias. Segundo Chatziefstathiou e Henry (2008), o sexismo estava ligado às organizações e estruturas sociais do século dezanove na Europa. Originariamente, as mulheres nunca foram vistas como parceiras iguais, nem mesmo como qualquer tipo de parceiras, na vista do desporto moderno de Coubertin e conseqüentemente no seu projecto do renascimento dos Jogos. Segundo os mesmos autores, Coubertin regularmente expressou a sua oposição com veemência de deixar as mulheres participarem nos Jogos.

Coubertin acreditava que os Jogos Olímpicos deviam ser reservados a atletas masculinos. Algumas das razões que Coubertin apresentou foram os problemas organizacionais que se seguiriam à inclusão de mulheres devido à necessidade de se criar diferentes associações desportivas e à realização de eventos separados durante os Jogos Olímpicos. Além disso, apontou a inadequação de ver mulheres competirem entre elas em competições desportivas públicas como outra das razões a não tornar possível a inclusão das mulheres nos jogos. Outro fator negativo apontado por Coubertin eram as habilidades físicas das mulheres que as tornavam incapazes de quebrar recordes em desportos altamente competitivos (Chatzietsfasthiou e Henry, 2008).

---





Como sabemos hoje em dia, estes argumentos são completamente inapropriados à relação do desporto com as mulheres. Não querendo criticar Coubertin, pois a sociedade em que ele vivia levava-o a tirar estas conclusões, vale apenas o alerta ao leitor para a grande evolução que se fez nesta área, dado que hoje em dia a igualdade desportiva entre homens e mulheres está praticamente estabelecida ou, pelo menos muito mais acentuada do que há cem anos atrás. Um exemplo disso é o facto de nos Jogos de Londres 2012, 44% dos atletas foram mulheres, sendo que em 1900, nos Jogos de Paris, houve mil trezentos e dezoito homens e apenas dezenove mulheres, o que corresponde a 1,4% do total dos atletas.

De acordo com Hagreaves (1994 apud Chatziefstathiou, 2005) houve três fases da participação das mulheres nos Jogos Olímpicos. A primeira, de 1896 a 1928 foi um período da sua exclusão e de alguns esforços isolados para resistir. A segunda foi de 1928 até 1952 em que houve várias lutas para a participação das mulheres e alguns eventos foram aceites depois de um rigoroso controlo. A última fase, de 1952 até um contexto mais recente, é definida como um período de desafio à hegemonia masculina (Hagreaves, 1994 apud Chatziefstathiou, 2005). Há portanto uma evolução notável, e felizmente nos dias de hoje as mulheres continuam a assumir-se no desporto e não só.

Num questionário conduzido em conjunto pelo Institute of Sport and Leisure Policy (Universidade de Loughborough, Reino Unido) em cooperação com o COI, que examinou o grau de sucesso dos objectivos do COI, foi descoberto que: a) houve um rápido crescimento do número de mulheres recrutadas desde 1997, b) as mulheres recrutadas são altamente qualificadas, c) as mulheres recrutadas são muito activas (Henry et al 2004 apud Chatziefstathiou, 2005).

A relação das mulheres com o Olimpismo é sem dúvida uma prova que a evolução desta filosofia tem lados positivos. Os atrasos a resolver assuntos como o amadorismo e a participação das mulheres nos Jogos evidenciaram que o MO tem sido “lento” a remover valores “fora de data” da ideologia do Olimpismo. (Chatziefstathiou, 2005).

Lekarska (1988) argumentou que as ideias de Coubertin sobre o amadorismo e a participação das mulheres estavam fora de moda, mas os valores do internacionalismo, excelência e desenvolvimento moral através do desporto, continuam a ser elementos importantes do Olimpismo. A autora enfatizou que alterações e novas regulações na Carta Olímpica não devem ser desencorajadas, mas devem ser vistas como uma parte integral do processo de modernização do



Olimpismo (citado em Chatziefstathiou, 2005). O significado de alguns valores foi sem dúvida alterado, mas também emergiram novos valores. Um exemplo é o ambientalismo, um tópico que está muito na moda nos nossos dias.

## 5 O OLIMPISMO E O CONCEITO DE PAZ

A paz é um dos maiores valores sociais promovidos pelo Olimpismo. Os Jogos Olímpicos combinam quase todas as nações e todos os continentes do mundo e conseguem assim promover a paz entre as nações. Segundo a Carta Olímpica os Jogos são entre atletas e não entre nações, e a paz entre elas é demonstrada pela partilha da vila Olímpica onde os atletas estão instalados. Os Jogos têm a capacidade de promover uma atmosfera de amizade e solidariedade. Um bom exemplo de paz foi a marcha conjunta sob a mesma bandeira das Coreias do Norte e Sul na cerimónia Olímpica, independentemente dos conflitos entre elas (aconteceu em Sidney 2000 e Atenas 2004) (Nanayakkara, 2008).

O Olimpismo é um conceito de paz que, embora não resolva conflitos é um modelo para lidar com eles. Favorece a aceitação de diferentes tipos de culturas e a tolerância por diferenças ideológicas e religiosas diferentes e condena todas as formas de discriminação raciais, sexuais ou ideológicas (Grupe, 1997). Desde que Juan Antonio Samaranch se tornou Presidente do COI em 1980, a cooperação com as Nações Unidas foi criada e reforçada (Kidane, 1995).

Na cronologia dos marcos importantes na história do movimento Desporto para o Desenvolvimento e Paz, visto de uma perspectiva das Nações Unidas, constatamos que o primeiro foi em 1922 quando o COI estabeleceu uma cooperação institucional com a Organização Internacional do Trabalho (OIT). Outro marco foi em 2000 quando passou a fazer parte dos objectivos de desenvolvimento do milénio (sítio: un.org).

Como Boutros Boutros-Ghali disse “O ideal Olímpico é um hino à tolerância e entendimento entre as pessoas e culturas. É um convite à competição, mas uma competição com respeito pelos outros. Desta forma, o Olimpismo é uma escola de democracia. Noutras palavras, há uma ligação natural entre a ética dos Jogos Olímpicos e dos princípios fundamentais das Nações Unidas. No Comité Olímpico Internacional, as Nações Unidas têm um aliado precioso na sua acção ao serviço da paz e da aproximação dos povos.” (Boutros-Ghali, 1995)

---



O Olimpismo aplica o conceito de igualdade a todos os atletas participantes na medida em que todos eles são considerados iguais sob as regras dos diferentes desportos. Embora havendo diferentes constituições nos diferentes países, o desporto é uma actividade que segue regras universais, o que demonstra uma certa igualdade no mundo.

## **6 O OLIMPISMO E AS QUESTÕES AMBIENTAIS**

Preocupações acerca do impacto negativo dos Jogos Olímpicos apareceram em 1992 nos Jogos de Inverno em Albertville. Durante a cerimónia de abertura a comunidade local protestou que as novas infraestruturas construídas, danificaram várias partes da região alpina. A promoção de uma política de desenvolvimento sustentável tornou-se um dos objectivos fundamentais do MO.

O COI e o MO deram muitos passos em frente desde estes protestos. Os Jogos de Lillehammer (1994) e Sidney (2000) promoveram o perfil verde do MO. Também as cidades candidatas aos Jogos de 2004 apresentaram avaliações do impacto ambiental na primeira selecção em 1997, o que demonstrou uma maior consciência ambiental nos Jogos Olímpicos (Chatziefstathiou, 2005).

Tomando mais concretamente o exemplo dos Jogos de Londres, por serem os mais actuais, a sustentabilidade foi parte crucial do projeto para criar os locais, as instalações e infraestruturas que deixaram uma legacia social, económica e ambiental. A ODA (Olympic Delivery Authority) recolocou espécies (como pássaros, morcegos, lagartos e outros animais), reutilizou materiais demolidos e limpou mais de um milhão de metros cúbicos de solo. Estabeleceu uma nova infraestrutura de energia para reduzir as emissões de carbono e optimizou oportunidades para o uso eficiente de água.

Dentre as principais realizações ambientais dos Jogos de Londres, em 2012, merecem destaque: 63% (por peso) dos materiais de construção foram transportados para o parque Olímpico por via férrea ou marítima; 98% do material demolido no parque Olímpico foi recuperado para reutilização ou reciclagem; e mais de 650 caixas de pássaros e morcegos foram instaladas ao longo do parque Olímpico. E estes são apenas alguns exemplos que, como muitos outros visaram melhorias ambientais no planeamento, execução e legado dos Jogos de Londres.



## 7 CONCLUSÃO

A evolução do Olimpismo, não tem só aspectos positivos porém, a sobrevivência do movimento foi, em certo nível, baseada na sua capacidade de aguentar e responder às novas exigências globais, muitas vezes expressadas por movimentos emergentes. Loland na resposta às críticas do MO pergunta-se como é que um movimento destrutivo e degenerado pode sobreviver e continuar a crescer. Ele diz que numa sociedade caracterizada pela secularização e racionalização, o MO representa uma alternativa. Todos os anos Olímpicos o MO oferece a uma audiência mundial experiências fortes e profundas num conjunto de cerimónias e rituais nos quais a possibilidade e liberdade humana são celebradas e apoiadas pelo menos de uma forma simbólica. Ainda Loland, acha o Olimpismo uma ideologia interessante também porque nestas ocasiões nós, como cultura e sociedade, redefinimo-nos, dramatizamos histórias e mitos colectivos, apresentamos alternativas e, eventualmente, mudamos em alguns aspectos e permanecemos iguais noutros (Loland,1995).

Segrave diz que “Mas no seu melhor, o Olimpismo apresenta uma visão nobre e honrada do desporto dedicada a ideais universais. Como na antiguidade, o Olimpismo é a manifestação de uma dialética fundamental entre corpo e alma, existência e essência, indivíduo e grupo, e competição e cooperação. Ao procurar mitigar o conflito e aumentar a harmonia, o Olimpismo coloca o desporto ao serviço de uma humanidade iluminada” (Segrave, 1988 citado em Hsu, 2000).

Ao longo deste trabalho foram apresentados exemplos que continuam a dar brilho ao Olimpismo, independentemente de serem ou não aceites no tempo de Coubertin. Podem ter-se perdido algumas qualidades, mas outras foram indubitavelmente ganhas com o passar do tempo.

A profissionalização dos atletas que os eleva a semi-deuses com uma enorme capacidade de influência; o universalismo desta filosofia aplicável em todo mundo ainda que com diferentes interpretações; a educação aliada a este universalismo que continua a formar jovens visando um mundo melhor; a crescente inclusão e igualdade das mulheres nos jogos; as crescentes preocupações ambientais deste movimento; e o ideal de paz associado ao desporto, são algumas das razões que nos fazem acreditar neste movimento, dão forças para o continuarmos a expandir, e unem-nos como família Olímpica.



## REFERÊNCIAS

- Boutros-Ghali, Boutros (1995) The IOC and The United Nations. *Olympic Review* – Official Publication of the Olympic Movement 25(1), February-March 1995. Disponível em: <<http://www.la84foundation.org/OlympicInformationCenter/OlympicReview/1995/oreXXV1/oreXXV1n.pdf>> Acesso em 19 de maio de 2012.
- Chatzietsfathiou, Dikaia (2005) The Changing Nature of the Ideology of Olympism in the Modern Olympic Era. *Doctoral Thesis* – Loughborough University. Disponível em: <<http://www.la84foundation.org/SportsLibrary/Books/IdeologyOfOlympism.pdf>> Acesso em 25 de maio de 2012.
- Chatziefstathiou, D. and Henry, I. (2008) Olympism, governmentality and technologies of power. In: Barney, R.K., Heine, M., Warmesley, K. B. and MacDonald, G. H., eds. *Pathways: Critiques and Discourse in Olympic Research*. Ontario, Canada: International Centre for Olympic Studies. pp. 320-337.
- Grupe, Ommo. (1997) Olympism is not a system, it is a state of mind. *Olympic Review*– Official Publication of the Olympic Movement, 27(13), p. 63-65. Disponível em: <<http://www.la84foundation.org/OlympicInformationCenter/OlympicReview/1997/oreXXVII13/oreXXVII13zk.pdf>> Acesso em 08 de maio de 2012.
- Hsu, Leo 2000 “Olympism: A Dead Ideal and a Western Product?” Proceedings in the Fifth International Symposium For OlympicResearch –“Bridging Three Centuries: Intellectual Crossroads and the Modern Olympic Movement”. pp. 249-255. Disponível em: <<http://www.la84foundation.org/SportsLibrary/ISOR/ISOR2000zf.pdf>> Acesso em 8 de maio de 2012.
- Kidane, Fékrou (1995), The IOC and The United Nations. *Olympic Review* – Official Publication of the Olympic Movement” 25 (5), October-November 1995. Disponível em: <<http://www.la84foundation.org/OlympicInformationCenter/OlympicReview/1995/oreXXV5/oreXXV5q.pdf>> Acesso em 2 de maio de 2012.
- Loland, Sigmund (1995), “Coubertin’s Ideology on Olympism from the Perspective of the History of Ideas”. *Olympica: The International Journal of Olympic Studies*, 4, 1995, pp. 49-78. Disponível em: <[http://www.la84foundation.org/SportsLibrary/Olympika/Olympika\\_1995/olympika0401e.pdf](http://www.la84foundation.org/SportsLibrary/Olympika/Olympika_1995/olympika0401e.pdf)> Acesso em 07 de maio de 2012.
-



Nanayakkara, Samantha (2008), “Olympism: A Western Liberal Ideal That Ought Not to Be Imposed on Other Cultures?” In R. Barney, M. Heine, K. Wamsley & G. MacDonald (Ed), *Pathways: Critiques and Discourse in Olympic Research*. 9th International Symposium for Olympic research, (p 351-358). Ontario, University of Ontario. Disponível em:

<<http://www.la84foundation.org/SportsLibrary/ISOR/isor2008zl.pdf>> Acesso em 06 de maio e 2012.

Paddick, Robert J. (1994), Amateurism: An Idea of the past or a necessity for the future? *Olympika: The International Journal of Olympic Studies*, 2, p. 1-15. Disponível em:

<[http://www.la84foundation.org/SportsLibrary/Olympika/Olympika\\_1994/olympika0301b.pdf](http://www.la84foundation.org/SportsLibrary/Olympika/Olympika_1994/olympika0301b.pdf)> Acesso em 04 de maio de 2012.

Parry, Jim (2006) “Sport and Olympism; Universals and Multiculturalism”. *Journal of the Philosophy of Sport*. 33 (2), p. 188-204.

Parry, Jim (2003), “Olympism for the 21st century”. Centre d’Estudis Olímpics – Universitat Autònoma de Barcelona Novembro 2003. Disponível em: <<http://fiep.cat/documents/Olympism%20for%20the%2021st%20century.pdf>> Acesso em 08 de maio de 2012.

Pires, Gustavo (2012), “Os cinco Pilares do Olimpismo”. O Primeiro de Janeiro, 21/12/2012. {[http://www.oprimeirodejaneiro.pt/opj/diarias.asp?idioma=item\\_lingua1&cfg=0&item=1928&cat=Opini%20](http://www.oprimeirodejaneiro.pt/opj/diarias.asp?idioma=item_lingua1&cfg=0&item=1928&cat=Opini%20)}



---

Data do recebimento do artigo: 27/02/2013

Data do aceite de publicação: 19/04/2013